

O (não) lugar da literatura na EJA: o que propõem os documentos oficiais?

The (not) place of literature in EJA: what do the official documents propose?

El (no) lugar de la literatura en la EJA: ¿qué proponen los documentos oficiales?

Simone Lopes Benevides¹

Resumo: O objetivo desse artigo é verificar como se posicionam alguns documentos oficiais quanto ao ensino de Literatura na Educação de Jovens e Adultos, a saber: Parâmetros Curriculares Nacionais, Base Nacional Comum Curricular e as Propostas Curriculares da EJA. Em nossa hipótese, parece haver certo descompasso entre tais documentos e estudos no campo do ensino de literatura. Tal como no ensino regular, compreendemos que na EJA a Literatura é vital na formação crítica dos alunos, que trazem saberes prévios e intuitivos, visões de mundo talhadas pelas origens e traços culturais, pelas vivências familiar e laboral. Produzindo mais perguntas do que respostas, a Literatura promove reflexões críticas, que ressignificam suas experiências e despertam o senso estético e crítico.

Palavras-chave: Literatura; Educação de jovens e adultos; Documentos oficiais.

Abstract: The objective of this article is to examine the positioning of some official documents regarding the teaching of Literature in Youth and Adult Education, namely: National Curriculum Parameters, Common National Base Curriculum, and the Curricular Proposals for Youth and Adult Education. In our hypothesis, there seems to be a certain mismatch between these documents and studies in the field of literature teaching. Just like in regular education, we understand that in Youth and Adult Education, Literature is vital in the critical formation of students who bring prior and intuitive knowledge, worldviews shaped by their origins and cultural traits, family experiences, and work experiences. By generating more questions than answers, Literature promotes critical reflections that reframe their experiences and awaken their aesthetic and critical sense.

Keywords: Literature; Youth and adult education; Official documents.

Resumen: El objetivo de este artículo es examinar la posición de algunos documentos oficiales con respecto a la enseñanza de la literatura en la Educación de Jóvenes y Adultos, a saber: Parámetros Curriculares Nacionales, Base Nacional Común Curricular y las Propuestas Curriculares para la EJA. En nuestra hipótesis, parece haber cierto desajuste entre estos documentos y los estudios en el campo de la enseñanza de la literatura. Al igual que en la educación regular, entendemos que en la Educación de Jóvenes y Adultos, la literatura es vital para la formación crítica de los estudiantes que aportan conocimientos previos e intuitivos, visiones del mundo moldeadas por sus orígenes y rasgos culturales, experiencias familiares y laborales. Al generar más preguntas que respuestas, la literatura promueve reflexiones críticas que reformulan sus experiencias y despiertan su sentido estético y crítico.

Palabras clave: Literatura; Educación de jóvenes y adultos; documentos oficiales.

Introdução

Antes de refletirmos sobre a Literatura nos documentos oficiais, é necessário rever sua própria definição, sob a perspectiva do ensino e sua importância na EJA. Depois, passaremos a análise dos documentos, focando na abordagem da Literatura. Mas, afinal, o que é Literatura?

¹ CEFET-RJ.

Maria Teresa Gonçalves Pereira (2013) defende a ideia de que “[...] conhecer o que e como se escreve a Literatura Brasileira é o trabalho específico da aula de Português” (PEREIRA, 2013, p. 8) e concebe o texto como um “campo de pesquisa” que propicia o desenvolvimento de reflexões críticas além de discussões sobre a língua e a literatura nacionais. A autora critica os programas tradicionais de Língua Portuguesa que tornam o texto literário um mero pretexto para análises gramaticais, propondo uma mudança de foco: os conteúdos gramaticais passariam a ser tratados como recursos interpretativos do texto literário: “A palavra valorizada esteticamente permite ao aluno conhecê-la na dupla face, inserindo-a nas possibilidades infinitas de uso da língua materna. É essencial que o aluno da EJA perceba suas potencialidades que aperfeiçoarão o seu senso estético” (PEREIRA, 2013, p. 8).

Posteriormente, ao abordar a vinculação entre leitura e literatura, a autora tece importantes considerações a respeito da importância da Literatura na sala de aula, destacando seu potencial como instrumento de reflexão, como prática social, como disciplina humanística, como fonte de conhecimentos e como fenômeno social. Em função de sua especificidade, a linguagem literária transcende os limites do texto, transformando a experiência estética da leitura literária em algo muito mais profundo e engrandecedor do que qualquer outro tipo de leitura, ultrapassando os limites impostos pela abordagem da literatura nas aulas tradicionais de Língua Portuguesa. É sob essa perspectiva que, nesse artigo, abordaremos a Literatura e seu (não) lugar.

No clássico, *A importância do ato de ler* (FREIRE, 2008), cuja primeira edição data de 1981, o educador afirma que a leitura de mundo deve preceder a leitura da palavra, destacando a implicação entre texto e contexto. Ao conceber a leitura como algo vivo e dar vez e voz ao educando, Freire lança as bases para que, futuramente, a EJA abra suas portas para a Literatura. Por meio da estilização da linguagem e a partir das experiências do aluno, elemento central do processo de ensino-aprendizagem, o texto literário pode propiciar experiências transformadoras. Benvenuti (2012, p. 36) assinala a convergência entre as propostas da estética da recepção, de Wolfgang Iser e as de Paulo Freire: “Este diz que é importante não oferecer uma educação livresca, uma educação que prescindia da leitura do mundo, enquanto aquele diz que o texto literário é o mundo para o leitor”; Nessa perspectiva, é a Literatura, em conjunto com nossas experiências cotidianas, que nos permite (re) significar o mundo a nossa volta. Como diria Lajolo (2000, p. 106) “[...] o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisam ler muitos”.

Buscando contribuir com a prática diária dos professores de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio na EJA, Benvenuti (2012) apresenta uma proposta de ensino de Literatura calcada na realidade desses alunos, partindo da oralidade em conjunto com a escrita rumo ao desenvolvimento de habilidades mais elaboradas e do pensamento crítico. Essa evolução também se aplica à escolha dos textos literários, dos mais simples aos mais complexos, com o objetivo de ampliar gradativamente o letramento dos alunos. É bastante interessante o reconhecimento, por parte da autora, da dificuldade que incide sobre a formação de leitores na EJA, que por questões culturais ou financeiras, permanecerão, em sua maioria, “imersos em uma cultura predominantemente oral”. De fato, parte significativa do alunado da EJA busca a certificação por meio da conquista do tão sonhado e tardio diploma, com vistas a conseguir melhores colocações no mercado de trabalho. Nesse sentido, o objetivo de formar leitores literários pode ser posto em debate: ser leitor literário significa ler muita Literatura, ler frequentemente, ler os clássicos, enfim, qual o sentido de ensinar Literatura àqueles que talvez não a tornem parte de sua vida? A própria autora nos aponta um caminho ao afirmar que considera “[...] uma grande conquista o fato de torná-los um pouquinho mais letrados, para que possam circular na sociedade mais senhores de si, porque mais escolarizados e melhor preparados para atuar nesse universo” (BENVENUTI, 2012, p. 180).

Cademartori (2012), embora não esteja tratando do universo específico da EJA, apresenta-nos uma reflexão bastante pertinente quanto à formação de leitores literários de forma geral, tarefa da Educação Básica:

Capacitar os estudantes à leitura, desenvolvendo suas competências linguísticas e textual é uma coisa. Transformar os alunos em leitores de Literatura é outra. A capacitação dos alunos à leitura é um dos objetivos principais do Ensino Fundamental, habilidade que deve ser aprimorada no Ensino Médio. [...] Mas a formação de leitores literários extravasa o âmbito do trabalho de massa. Envolve particularidades de uma sintonia mais fina, além da disposição para aventuras subjetivas, que não existe em qualquer professor nem em qualquer aluno (CADEMARTORI, 2012, p. 90-91).

Considerada dessa forma, a formação de leitores literários não estaria atrelada a números – não importa se, em uma turma, todos, poucos ou muitos tenham, de fato, trazido a Literatura para seu cotidiano em leituras assíduas e prazerosas – pois mais importante seria o processo de letramento literário efetivado ao longo das aulas e, sobretudo, as reflexões propiciadas no momento da leitura do texto, em sala de aula, compartilhada por professores e alunos. Nesse sentido, é importante verificar como se posicionam os documentos oficiais quanto à Literatura

e seu ensino, afinal, são essas orientações que embasariam a prática de sala de aula. Traremos um recorte bastante específico de tais documentos, focando na forma como a Literatura é apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas propostas curriculares da EJA, referentes apenas ao primeiro e ao segundo segmentos do Ensino Fundamental, pois, até o momento, não há orientações em nível federal, específicas para a EJA no Ensino Médio. Ressaltamos que os PCN's e a BNCC, embora não tratem especificamente da EJA, referem-se à Educação Básica, da qual ela faz parte.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais

Mesmo já defasados em função da BNCC, os PCN's, lançados pelo governo federal em 1998, propuseram uma transformação significativa no ensino, apresentando orientações didáticas inovadoras para a Educação Básica. Embasados pelas novas teorias de texto e linguagem, oriundas a partir do advento da Linguística, o documento traz importantes contribuições para o professor e para a sala de aula, no entanto, conforme Lopes (2011) a despeito de todo avanço promovido no tratamento dado ao texto e sua centralidade como objeto de ensino, os PCN do segundo segmento do Ensino Fundamental não reservam um espaço, nem mesmo orientações específicas para a Literatura. O documento a reconhece como uma das possibilidades de uso social da língua: “O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética” (BRASIL, 1998, p. 26). Por outro lado, desqualificam a fantasia que a caracteriza: “Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua” (BRASIL, 1998, p. 26).

Com surpresa, percebemos que, mesmo uma proposta inovadora e bem embasada do ponto de vista do referencial teórico, os PCN, não foram capazes de reconhecer a potencialidade do texto literário como instrumento de reflexão, como prática social, como disciplina humanística, como fonte de conhecimentos e como fenômeno social. Mais adiante, ao falar sobre a formação de leitores, um dos objetivos centrais do ensino de Língua Portuguesa, fica evidente que embora reconheça a importância da presença do texto literário na sala de aula, os PCN não reconhecem as especificidades da palavra literária, concebendo-a sob um prisma, em grande parte, utilitarista:

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a

intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real tal como circulam socialmente na Literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou fragmentos para o leitor de textos originais e integrais (BRASIL, 1998, p. 70).

Os Parâmetros não fazem menção específica à formação de leitores literários, pois todo o trabalho se desenvolveria no intuito de formar leitores de forma ampla, genericamente habilitados a ler e compreender quaisquer textos. Esse não compromisso com a Literatura de forma mais consistente, e até mesmo a ausência de um conhecimento mais aprofundado sobre ela, ficam evidentes na qualificação de “textos facilitados” referindo-se à Literatura infantojuvenil, hierarquizando o texto literário de acordo com o público a que se destina. Tais orientações curriculares oficiais não repercutiam os estudos teóricos mais avançados sobre a Literatura, disseminando entre os professores um posicionamento inapropriado quanto ao trabalho com o texto literário em sala de aula, que acaba por se tornar um conteúdo das aulas de Língua Portuguesa, e não um “campo de pesquisa”, como propôs Maria Teresa Gonçalves Pereira (2013) no sentido explorar as potencialidades estético-expressivas da linguagem literária.

Os Parâmetros do Ensino Médio seguem a mesma perspectiva teórica de concepção de linguagem, com uma visão dialógica, considerando a produção de sentidos uma prática social. Ao invés de disciplinas, o documento está organizado por áreas. Em “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias”, encontramos orientações específicas para os conhecimentos de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte e Informática. A Literatura, embora possa figurar no Ensino Médio como disciplina autônoma, com conteúdos específicos a serem transmitidos, está incluída nos conhecimentos de Língua Portuguesa, o que é justificado com base na LDB 9394/96. Apoiado nesses documentos, os Parâmetros defendem que os conteúdos tradicionais do ensino de Língua Portuguesa – nomenclatura gramatical e história da Literatura – deixem de ser o elemento central, e propõe: “O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos, e a Literatura integra-se à área de leitura” (BRASIL, 2000, p. 18). Embora proponham avanços significativos no que diz respeito às concepções de linguagem e de discurso que o norteiam, os parâmetros carecem de um novo olhar sobre o texto literário e sua real importância na formação dos sujeitos.

Base Nacional Comum Curricular

Vinte anos após o lançamento dos Parâmetros, a Base Nacional Comum Curricular, documento previsto na Constituição de 1988², na LDB de 1996³ e no Plano Nacional de Educação de 2014⁴, a BNCC teve sua versão destinada à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, homologada em 20 de dezembro de 2017 e, mais tardiamente, em 14 de dezembro de 2018, houve a homologação da proposta referente ao Ensino Médio⁵. Assim a BNCC nos é apresentada:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 7).

Assumindo a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, tal como os PCN, o texto permanece como unidade de trabalho, sendo o objetivo das aulas de Língua Portuguesa contribuir para “[...] a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 67-68) Um ponto bastante recorrente é a ênfase nos “[...] textos multissemióticos nas redes sociais e em outros ambientes da *Web*” (BRASIL, 2018, p. 68), destacando a necessidade de os ambientes da internet fazerem parte das práticas de sala de aula, o chamado letramento digital. Sob essa perspectiva, o trabalho com a Literatura não se mantém imune, e a internet é “convidada” a contribuir: “Depois de ler um livro de Literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais

² Consituição Federal do Brasil. Disponível em BRASIL. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 20/03/2024

³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em 20/03/2024

⁴ Lei 13.005/2014 – Plano Nacional de Educação. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> Acesso em 20/03/2024

⁵ A versão aqui citada da BNCC, do ano de 2018, é completa, abarcando desde a educação infantil ao ensino médio. Está disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 05/02/2024

específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho” (BRASIL, 2018, p. 68).

Embora o foco seja na ampliação do letramento, a ênfase recai no digital, na possibilidade de avançar de letramentos lineares “[...] com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia” (BRASIL, 2018, p. 70) Ressalta-se, entretanto, que em nenhum momento há quaisquer referências ao letramento literário, apenas menciona o “letramento da letra e do impresso” (BRASIL, 2018, p. 69), como se todas as letras e impressos compusessem um único grupo homogêneo e uniforme, com os mesmos objetivos, condições de produção, linguagem e receptores.

Mesmo afirmando que a Literatura e a arte são direitos do cidadão, não parece haver na Base um trabalho comprometido com as especificidades do texto literário, no sentido de promover o letramento específico desse campo. Ao descrever as competências previstas para toda a etapa do Ensino Fundamental, no entanto, a Literatura ganha certo destaque:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p. 87).

Inserindo a Literatura no campo artístico-literário, merece destaque a fruição como elemento central do seu ensino. Como ensina Cosson (2016), é preciso ir além e delimitar um campo de ensino próprio, com objetos e objetivos claramente definidos, pois somente a fruição não é o suficiente para dar conta da complexidade do texto literário. Assim, consideramos que seria necessário mais aprofundamento sobre a proposta de formação de “leitores-fruidores” (BNCC, 2018, p. 138). Ainda que a Base destaque o comprometimento com as diferentes dimensões da leitura literária e com a polissemia típicas de sua linguagem, não há um espaço específico para a literatura, permanecendo atrelada ao ensino da língua. Nesse não-lugar, como formar “leitores fruidores”, ou seja, sujeitos capazes de “se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura” (BRASIL, 2018, p. 138-139).

Vale ressaltar a presença da Literatura, além da formação geral básica, na parte dedicada à História: “VII - história e cultura afro-brasileira e indígena, **em especial nos estudos de arte e de Literatura e história brasileiras;**” (BRASIL, 2018, p. 476, grifos meus). De certa forma, embora haja certa legitimação do estudo historiográfico, como representação artística das

questões humanas, a Literatura os transcende. Essa vinculação em um documento oficial, sem maiores esclarecimentos e problematizações pode ocasionar interpretações dúbias.

Segundo a Base, no Ensino Médio, tal como no Ensino Fundamental, a Literatura deve ser central, criticando o fato de as biografias de autores, estilos de época, resumos e outros gêneros como o cinema e as histórias em quadrinhos terem sublimado o espaço do texto literário. Vê-se, portanto, notórias contradições no interior da própria Base, que, embora apresente o estudo da Literatura Brasileira vinculado à História, rechaça práticas comuns desse tipo de proposta. Sobre o trabalho no Ensino Médio, a Base assim se posiciona:

A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remidiações, paródias, estilizações, videominutos, *fanfics* etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas. A escrita literária, por sua vez, ainda que não seja o foco central do componente de Língua Portuguesa, também se mostra rica em possibilidades expressivas. Já exercitada no Ensino Fundamental, pode ser ampliada e aprofundada no Ensino Médio, aproveitando o interesse de muitos jovens por manifestações esteticamente organizadas comuns às culturas juvenis (BRASIL, 2018, p. 503).

Os Parâmetros e a Base trouxeram importantes contribuições no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, incluindo, portanto, a EJA, na proporção inversa do que fizeram pelo ensino de Literatura em termos de novas perspectivas e alteração de velhas práticas rumo à formação de leitores literários. Para os professores da EJA, os PCN's e a Base são importantes referenciais, embora as secretarias de educação de alguns estados tenham elaborado suas próprias propostas, nos níveis médio e fundamental. Ressaltamos, entretanto, que no início dos anos 2000, o Governo Federal lançou propostas curriculares específicas para a EJA, exclusivamente para o Ensino Fundamental, primeiro e segundo ciclos. As mesmas vigem até hoje, sem nenhuma alteração.

Proposta curricular da Educação de Jovens e Adultos – primeiro segmento do ensino fundamental

Elaborada no âmbito da Ação Educativa, a Proposta Curricular para o Primeiro Segmento da EJA, lançada em 2001, apresenta-se como “[...] subsídio para a formulação de

currículos e planos de ensino, que devem ser desenvolvidos pelos educadores de acordo com as necessidades e objetivos específicos de seus programas” (BRASIL, 2001, p. 14). Reconhecendo que apesar dos saberes prévios que trazem consigo, às pessoas pouco letradas é sonogado o direito de usufruir de diversas possibilidades culturais, como a Literatura, por exemplo, a Proposta apresenta como um dos objetivos gerais da EJA que o educando seja capaz de “Reconhecer e valorizar os conhecimentos científicos e históricos, assim como a produção literária e artística como patrimônios culturais da humanidade” (BRASIL, 2001, p. 48). Na fundamentação da área de Língua Portuguesa, cujo objetivo é o desenvolvimento da linguagem oral e a introdução da leitura e da escrita, a Literatura aparece no eixo “Lendo textos”, como um dos instrumentos que favorecerão a leitura compreensiva desses alunos, iniciantes no mundo da escrita. Também no desenvolvimento da oralidade, o reconto de textos literários aparece como uma das estratégias de desenvolvimento da oralidade.

Asseverando que para “[...] formar leitores autônomos e produtores de textos que saibam comunicar-se com sucesso, é necessário que lhes sejam dadas oportunidades de conhecer os produtos da comunicação escrita” (BRASIL, 2001, p. 73), os textos literários figuram como um dos exemplares das “diferentes modalidades de textos” que circulam socialmente, ao lado os textos jornalísticos, instrucionais, epistolares, publicitários e de informação científica e histórica. Ao descrever o texto literário, entretanto, o utilitarismo parece ser abandonado em prol da valorização da linguagem literária:

A principal intenção do texto literário é estética, ou seja, criar algo belo ou extraordinário. Por isso, o ‘como a coisa é dita’ é tão ou mais importante que ‘o que está dito’. A leitura desses textos é dirigida pelo sentido estético e sua análise deve buscar desvendar os recursos utilizados pelo autor para produzir o belo e o extraordinário (BRASIL, 2001, p. 76).

Para finalizar, um dos objetivos descritos para o trabalho com a leitura e escrita de textos, é “Apreciar e reconhecer o valor literário de textos poéticos” (BRASIL, 2001, p. 86). Embora a Literatura ainda figure como um instrumento para o desenvolvimento de habilidades de leitura com vistas a iniciação dos alunos no processo de formação de leitores, de forma utilitarista, percebemos nessa proposta certo compromisso com algo além, como se verifica pelas referências a “belo”, “extraordinário” e “senso estético”.

Proposta curricular da Educação de Jovens e Adultos – segundo segmento do ensino fundamental

A Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos do Segundo Segmento⁶, datada de 2002, é dividida em três volumes e surge de demandas recebidas pela Coordenação de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação Fundamental (COEJA) do Ministério da Educação, no sentido de “[...] organizar, para o Segundo Segmento, sugestões que sejam coerentes com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, mas considerando as especificidades de alunos jovens e adultos, e também as características desses cursos” (BRASIL, 2002, p. 7). No volume 2, encontramos orientações específicas para o ensino de Língua Portuguesa, no qual se inclui a Literatura. Assim se justifica sua importância: “O estudo da língua se faz necessário para evitar essa experiência de exclusão: construindo leituras do mundo, criando possibilidades de descobertas pessoais que favoreçam o autoconhecimento e indiquem o lugar da palavra em sua subjetividade (BRASIL, 2002, p. 12).

Ao tratar do texto literário, o documento afirma ser um privilégio do professor de Língua Portuguesa poder analisar os textos literários, pois ele instauraria o Belo, e destaca sua importância: “Fazer com que o aluno se familiarize com esse tipo de emoção é decisivo para que ele valorize e aprenda a amar o ato de ler. Cabe ao professor de Língua Portuguesa evidenciar a riqueza de um texto literário” (BRASIL, 2002, p. 15). Embora consideremos extremamente romântica a ideia de que o professor possa ensinar o aluno a “amar o ato de ler”, de fato, é essencial que o professor apresente a Literatura a seus alunos, destacando as riquezas dos textos, veiculadas pela peculiaridade de sua linguagem, e buscando, em conjunto com os alunos, os sentidos do texto e suas relações com os outros textos e com o mundo. Concebendo a Literatura como arte, o documento apresenta uma proposta de análise do texto literário que considere dois vieses importantes: o da produção e o da recepção:

O texto literário visto como obra de arte realiza essa função estética, pois é uma representação que “diz” tanto pela expressão como pelo conteúdo. Quem escreve um texto literário recria o mundo nas palavras; o que se diz é tão importante quanto o como se diz. Daí a necessidade de estudar os múltiplos recursos da linguagem: o uso figurado das palavras; o ritmo e a sonoridade; as

⁶ Esse documento é dividido em três volumes. O primeiro corresponde a Introdução, onde são apresentadas orientações gerais a respeito da EJA, como características históricas e legais. Disponível em http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf Acesso em: 10 ago. 2018. O segundo volume, aborda questões específicas das disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, História e Geografia. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/vol2_linguaportuguesa.pdf Acesso em: 10 ago. 2018. O terceiro volume, que não interessa aos fins dessa pesquisa, aborda Matemática, Ciências Naturais, Artes e Educação Física.

sequências por oposição ou simetria; repetições expressivas de palavras ou de sons. Esses conteúdos são importantes para conhecer a função estética da linguagem, em que é possível utilizar, por exemplo, o significante das palavras para manifestar significados mais profundos do texto, para explorar novos sentidos, revelando assim novas maneiras de ver o mundo. É possível ocupar-se do maravilhoso, pois as incessantes descobertas de sentido geram o espanto necessário para penetrar o mundo do indizível. O impacto profundo causado por uma produção literária, oral ou escrita, acontece em função da fusão perfeita entre a mensagem e sua organização (BRASIL, 2002, p. 15-16).

O mesmo documento também aborda a “educação literária” (BRASIL, 2002, p. 43), propondo a ampliação da capacidade de leitura do aluno, da passagem de textos mais simples para textos mais culturais e estéticos, como os literários. Essa proposta parece estar mais próxima do que consideramos um trabalho efetivo com texto literário: a Literatura, não como meio, mas como o local simbólico onde a experiência de leitura e de escrita se processam. Nesse sentido, há uma alteração significativa: ao invés de fazermos da Literatura um meio para se chegar às especificidades da Língua Portuguesa, consideramos a língua um instrumento para a compreensão do objeto artístico literário, como bem afirma Leahy-Dios (2001, p. 56) “[...] a educação literária está imbricada no estudo da linguagem, esse *constructo* perigoso e seletivo de conscientização. Educar pela Literatura implica refletir sobre a palavra como construção artística [...]”.

Considerações finais

Como atividade complexa, social e cultural, a leitura deve ser ensinada na escola, permanentemente, pois o ato de ler é inerente à vida humana, perpassando todas as áreas de conhecimento. Diante da especificidade da leitura literária, entretanto, entendemos ser o a formação do leitor literário um processo amplo, pois a Literatura nos habilita a compreensão de quaisquer gêneros, em qualquer esfera discursiva, em função da amplitude dos saberes que congrega. Em nossa concepção, a Literatura, na Educação Básica regular ou na EJA, ainda não consolidou sua importância e legitimidade como fonte de conhecimento, dotada de saberes específicos. Parece haver certo descompasso entre os documentos oficiais e estudiosos da área. Com o aval das orientações oficiais destinadas à EJA, indo de encontro aos teóricos apresentados ao longo do texto, a literatura costuma estar atrelada ao ensino de língua, como um conteúdo, e segue necessitando de uma abordagem mais comprometida com suas especificidades enquanto campo de conhecimento, mais atenta às suas potencialidades, e visando à formação do leitor literário. A Literatura precisa de um lugar para chamar de seu.

Referências

BENVENUTI, Juçara. **O dueto leitura e literatura na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Mediação, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio: parte II – linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/SEF, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 10 set. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Educação para Jovens e Adultos**: ensino fundamental: proposta curricular: 1º segmento. 3. ed. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental (5º a 8º séries). Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2002. v. 2. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/vol2_linguaportuguesa.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura para pequenos, médios e grandes**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Língua e literatura**: uma questão de educação? São Paulo: Papirus, 2001.

LOPES, Simone da Silva. **“Trouxeste a chave?”**: embarcando na fantasia da casa da madrinha. 2011. 85f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. A leitura da literatura na educação de jovens e adultos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 3., 2013. **Anais [...]**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_310.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019. p.1-10.

Sobre a autora

Simone Lopes Benevides: Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação no Ensino Médio e Técnico Integrado do CEFET-RJ. Doutora em Língua Portuguesa pela UERJ, estudou a relação entre língua e literatura focando o letramento literário na EJA. Anteriormente, no mestrado na mesma instituição, também abordou a literatura como foco de estudo, analisando o papel das metáforas na construção da fantasia que permeia a literatura infantil.

E-mail: sisilopes26@gmail.com

Recebido em: 30 ago. 2023

Aprovado em: 03 maio 2024